

# A temperança e o *Protrepticus* de Aristóteles

Fernando Gomez<sup>1</sup>

O intuito desse breve trabalho é relacionar a virtude da temperança com o *Protrepticus* de Aristóteles, obra cujo conteúdo trata-se de uma exortação à filosofia, feita para um certo Themison, que ao que tudo indica, seria um rei numa cidade do Chipre. Logo no início do texto, Aristóteles mostrará ao rei por que a filosofia é a realização natural do homem e o maior dos bens, e durante os primeiros capítulos dá as razões por que ela deve ser procurada. Pretendo mostrar como a temperança, ou *sophrosyne*, é de suma importância para aquilo que Aristóteles tem em mente: mostrar a constituição do homem e da natureza para assim convencer ao rei as razões do filosofar. Vou me apoiar principalmente nos primeiros capítulos do *Protrepticus*, o *Cármides* de Platão e também me guiarei por autores que esclareçam o conceito de *sophrosyne* nos filósofos gregos.

## Sophrosyne

A *sophrosyne* é o assunto do diálogo *Cármides*, de Platão, e ela geralmente é traduzida como temperança ou moderação <sup>1</sup>. A etimologia da palavra *sophrosyne* apresenta os seguintes elementos:

- saos ou sos – são, salvo, em boa saúde
- phron/phren – coração, espírito
- syne, sufixo que indica qualidade

No *Cármides* nenhuma definição precisa é dada, segundo o dicionário de termos filosóficos de F.E.Peters <sup>2</sup>, mas o que Platão tem em mente ao falar de *sophrosyne* é o conceito pitagórico de harmonia e também as palavras de Heráclito no fragmento 112, onde ele diz que: “ *Sophrosyne* é a maior das virtudes, e sabedoria é falar e agir na

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia da Faculdade de São Bento de São Paulo.

verdade, fazendo jus a natureza das coisas” 3. Nesse diálogo, Sócrates diz ser a moderação ou temperança, um grande bem e verdadeira fonte de felicidade. Podemos dizer que o conceito de *sophrosyne* é um modo de agir e de pensar, um modo de entender os limites, um modo de se relacionar com a natureza das coisas. O contrário da *sophrosyne* é a *hybris*, o excesso, a falta de medida.

Apesar de o conceito de *sophrosyne* apresentar concepções populares, práticas, religiosas, políticas dentre outras, vamos nos ater a dois aspectos principais. Na introdução da edição portuguesa do *Cármides* feita por Francisco de Oliveira, ao enumerar esses diferentes aspectos, ele diz acerca da *sophrosyne* encarada sob o aspecto do autoconhecimento: “...este plano é primordial na estrutura do *Cármides* e no diálogo aporético, devendo situar-se no âmbito mais vasto da identificação de virtude e conhecimento e da unificação das virtudes” 4. Mais à frente faremos o paralelo disso com o *Protrepticus*. Há também o aspecto ético ou prático da *sophrosyne*, que é a prática do bem ou a prática da virtude, em oposição aos prazeres.5

Aqui portanto, já podemos vislumbrar algo acerca dessa relação, já que o conselho que Aristóteles dá ao rei no primeiro capítulo do *Protrepticus* e suas justificações nos primeiros capítulos a respeito da hierarquia da natureza, com a razão no topo dessa hierarquia, mostrarão em que sentido o filósofo vai se relacionar ou vai se apoiar na *sophrosyne* para atingir a vida feliz. Sendo a razão aquela que deve imperar sobre todas as outras partes, tanto em Platão como em Aristóteles, o *Protrepticus* deixa claro qual a maneira do filósofo agir para atingir a vida feliz.

Necessário se ater por instantes as noções de Platão e Aristóteles das partes do homem. Em Platão, há uma divisão da alma em três partes, a racional, a irascível e a concupiscente; a alma bem ordenada, aquela alma que tem harmonia entre as partes, é a alma cuja parte racional domina as outras duas. Em Aristóteles, como veremos, isso se dá numa divisão tripartida também, há uma parte vegetativa, uma sensitiva e uma parte racional. Aquele que deseja iniciar na filosofia deverá por meio da temperança estabelecer o que é melhor para si e para os outros, segundo a ordem natural, esta portanto o levará da prática rumo a sabedoria.

Por fim, devo dizer que a virtude da temperança ou da justiça em Aristóteles estão relacionadas com a ética. A parte sensitiva do homem, que estaria acima da parte

vegetativa e abaixo da parte racional, é aquela que controla as paixões, por meio do intelecto ou *dianóesis*, ela busca encontrar a justa medida na prática dessas virtudes.

## ***O Protrepticus***

O primeiro capítulo do *Protrepticus* Aristóteles diz a Themison que aquele que tem muito dinheiro, está mais apto a filosofar, pois tem mais tempo para estudar. Porém, sem sabedoria, esse acúmulo de bens intelectuais só produziria loucura: “...a felicidade não consiste em adquirir muitas coisas, mas sim na maneira pela qual a alma é disposta.”<sup>6</sup> Para o homem cuja alma está em desarmonia, está mal disposta, a riqueza, a força, a beleza não podem ser bens, essas pelo contrário, são nocivas frente a essa desarmonia. Aqui como no *Cármides*, há uma preocupação com a sanidade do espírito, o são de espírito pode esperar usufruir dos bens do mundo com a devida moderação e harmoniosamente, mas aqueles cuja alma é destemperada, só podem aguardar um fim trágico, já que a falta de temperança aliada a tais bens, só levariam tal homem a cometer a *hybris*, a loucura como aquela retratada na peça de Ésquilo, *Os Persas*, onde Xerxes age em oposição ao comportamento moderado.

Estabelecido portanto esse primeiro passo, que a alma desordenada não poderá usufruir de modo correto os bens, Aristóteles inicia uma explicação acerca da constituição das coisas, a ordem na qual o homem e consequentemente sua razão está inserida, e mostra de que maneira a filosofia é a realização natural dos homens. Vamos tentar acompanhar esses passos.

Aristóteles explica que entre as coisas, algumas são engendradas por um pensamento e por uma arte, enquanto outras são engendradas pela natureza. Algumas porém são engendradas pelo acaso, e nesse caso, não pode haver finalidade, e portanto não pode haver realização. Tudo que é engendrado segundo a arte e a natureza é engendrado segundo um objetivo, e esta é sua melhor realização. Na natureza, Aristóteles dá o exemplo da gênese das coisas:

“...não é verdade que algumas sementes, em qualquer terra caiam, germinam sem proteção, ao passo que outras precisam, além disso, da arte do cultivador; Quase do mesmo modo, alguns animais dão conta, por si mesmos, de

toda a sua natureza, a passo que o homem precisa de muitas artes para a sua preservação, tanto por ocasião da gênese primeira, quanto mais tarde, durante a nutrição.”<sup>7</sup>

Toda a gênese se produz com vistas a um objetivo, esse objetivo pelo qual a coisa foi engendrada é o mesmo pela qual ela deveria ser engendrada. E a natureza engendra os seres para o melhor, não para eles destruírem ou prejudicar essa ordem. Podemos ver nitidamente que o que está em foco nessas passagens é que tudo aquilo que é engendrado por uma arte ou pela natureza é feito segundo uma finalidade, e essa finalidade é aquilo pelo qual o ser foi engendrado, é o seu bem maior. A realização natural é o que se realiza por último lugar na ordem da gênese, no homem, primeiro se realiza aquilo que se refere ao corpo, e por último a alma, que é a realização do melhor. Dando sequência a esse esquema, a última parte da alma, a melhor, é a parte racional. “E realmente, se a sabedoria é, em conformidade com a natureza, nossa realização, então, de todas as coisas, exercer a sabedoria será a melhor.”<sup>8</sup>

Dentro do que foi dito acerca da realização do homem, ele é engendrado segundo a natureza, mas sua constituição de corpo e alma faz com que o corpo esteja subordinado ao fim maior que é a alma, pois ela vem depois desse na ordem natural, e na alma, realizar a virtude com vistas à sabedoria. Aqui fica claro aquela tripartição da alma, estando as virtudes subordinadas ao bem maior que é a aquisição da sabedoria.

O que está sendo dito ao rei no *Protrepticus* é que a natureza e a arte, que a imita, trabalha segundo uma ordem, essa ordem só pode funcionar bem segundo o fim para qual a coisa foi feita, se houver harmonia entre as partes que constituem o todo. Diz Platão na República, 430e: “ A temperança é uma espécie de ordenação, e ainda o domínio de certos prazeres e desejos...”<sup>9</sup>. Essa ordenação é um alinhamento com a natureza das coisas, o meio mais propício de fazer bem as coisas, de se atingir o fim para o qual a coisa foi feita.

Na constituição do homem, portanto, seu fim último, o motivo para o qual ele foi engendrado é o uso da razão, mas a razão ordenada, a razão dentro de uma harmonia, pois essa razão sem a ordenação devida se transforma em loucura.

A temperança, *sophrosyne*, é o elemento inicial das lições ou exortações que Aristóteles está mostrando ao rei, através das virtudes como a justiça e a temperança, o

rei poderá ser sábio. No primeiro capítulo ela se mostra do ponto de vista prático e ético, ao evitar a *hybris*, o homem pode esperar o bem para ele e para os outros, e na sequência do texto, ao mostrar como age a natureza e as artes, Aristóteles busca mostrar como essa mesma natureza se dá no homem, qual a maneira de atingir o fim último do homem, aqui ela se mostra não como virtude prática, mas sim como autoconhecimento. Esse autoconhecimento é a sabedoria 10, e essa é uma virtude intelectual, enquanto a *sophrosyne* é uma virtude prática. Há em Aristóteles uma divisão entre virtudes práticas e intelectuais. Mas nessa breve exposição, está além de minhas capacidades esgotar tal assunto 11. O fato é que uma virtude prática como a *sophrosyne* pode ser justificada no *Protrepticus* pela sua relação com a ordenação da natureza e do homem.

Dando sequência ao texto, Aristóteles dirá que: “...somos capazes de aprender as ciências que tratam do que é justo e lucrativo...”12, e que “...o anterior é sempre mais passível de conhecimento do que o posterior, e o que é melhor por natureza...”13. Aqui há novas justificativas, a primeira da possibilidade de aprender as ciências do justo, ou seja, é possível o homem saber a respeito do lugar das coisas, da harmonia entre as coisas, e em segundo lugar, que o anterior tem sempre mais atributos de ser conhecido que o posterior, isso por causa da relação de causa e efeito, o posterior depende do anterior na ordem das coisas, é claro, mas o que Aristóteles quer deixar claro aqui é que será em vista à inteligência que todas as coisas deverão ser escolhidas pelo homem, pois todo o resto da hierarquia das coisas subsiste em função do melhor.

A sabedoria do filósofo será portanto a consciência dessa ordem nas coisas, a hierarquia da natureza dentro e fora dele. As leis por exemplo são um produto dessa razão e a consciência da lei a sabedoria dessa ordem, mas a atitude, o submeter-se a elas será a *sophrosyne*, a temperança é a prática, uma virtude prática, é se por em conformidade à ordem das coisas e o regular-se conforme a ordem natural do homem, fazendo com que a parte racional dirija as outras partes do homem. A *sophrosyne*, que aqui traduzo por temperança, ou moderação, é a ordenadora das virtudes, esse reconhecimento do lugar nas coisas, o entrar em harmonia com a ordem é também uma atitude de humildade, onde o homem sabe o seu lugar e não ousa se por acima daquilo que deve, a virtude da justiça também se assemelha à temperança, já que a justiça, segundo W.K.C. Guthrie é ocupar-se de seus próprios assuntos, cada um fazendo o que deve ser feito e segundo o modo como deve ser feito. Eis aqui portanto novamente a

noção de ordem, de harmonia, ser temperante é estar não só consciente dessa ordem mas agir segundo essa ordem.

É interessante que alguns dizem ser a temperança a maior das virtudes, a que ordena todas as outras virtudes. O homem temperante é o homem sã, aquele que sabe a ordem de importância das coisas.

## Considerações finais

A temperança, virtude que mostra ao homem o seu lugar e o faz agir segundo aquilo que se deve fazer, ou nas palavras de Sócrates no *Cármides*, “...é saber o que se sabe e o que se não sabe.”<sup>14</sup>, está presente no *Protrepticus* de Aristóteles nos conselhos que esse dá ao rei. Ao mostrar a hierarquia das coisas da natureza e do homem, Aristóteles estabelece uma harmonia oriunda da estrutura das coisas mesmas, segundo Hilary Armstrong “ A vida moral do homem deve formar um todo ordenado e dirigido a um fim púnico, da mesma forma que o universo forma um sistema ordenado dirigido a um fim único”<sup>15</sup>, o filósofo deverá ser temperante para alinhar prática e pensamento, e assim não agir de forma errada, que poderá leva-lo a cometer coisas perniciosas para si e para os outros.

1- Nas notas da edição portuguesa do *Cármides*, Francisco de Oliveira diz que:  
“Como se vê, irá ser difícil uma tradução exata para o termo: prudência, sensatez, sabedoria, moderação, temperança.

5- Esses aspectos são defendidos por Crítias ou por *Cármides* no diálogo, e o caráter aporético do *Cármides* força-nos a conceber nesses termos a temperança, para que ela possa relacionar-se com um fim estabelecido em Aristóteles.

10-Iso nos remete a fórmula conhece-te a ti mesmo. Esse preceito délfico é caro a Sócrates, por causa da identificação de conhecimento e virtude e pelas discussões acerca da possibilidade de se ensinar as virtudes, como no *Ménon* 87c-89<sup>a</sup>, no *Protágoras* ou em *Eutidemo* 282c. A identificação de sophrosyne com a inscrição délfica feita por Crítias no *Cármides*, é a interpretação tradicional. Sobre isso as notas

de rodapé de Francisco Oliveira na edição do *Cármides* de Universidade de Coimbra, também E. Martens.

F. E. Peters, *Greek Philosophical Terms. A history Lexicon*, New York, University Press, 1967.

Platão, *Cármides*, introdução, versão grego e notas de Francisco de Oliveira, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

Aristóteles, *Da Geração e Corrupção Seguido de Convite à Filosofia*, São Paulo, Landy, 2001.

Platão, *República*, tradução de M. H. Rocha Pereira, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1976.

W. K. C. Guthrie, *Los filósofos Griegos*, México DF, Fondo de Cultura Económica, 2008.

A. H. Armstrong, *Introducción a la Filosofía Antigua*, Buenos Aires, Eudeba, 2007.

